

CINQUE, G. Cartografia Sintática: uma entrevista com Guglielmo Cinque. Tradução de Melissa Lazzari e revisão de Mônica Rigo Ayres Carrion. *ReVEL*, v. 22, n. 43, 2024. [www.revel.inf.br].

Cartografia Sintática: uma entrevista com Guglielmo Cinque

Dr. Guglielmo Cinque¹

1. Quais são os principais objetivos dos estudos dentro do programa de Cartografia Sintática?

A cartografia é um projeto de pesquisa de longo prazo que visa a descoberta e mapeamento da estrutura funcional dos sintagmas e das sentenças de línguas naturais. O ímpeto do estudo da estrutura funcional, depois de Chomsky (1986) (*Barriers*. Cambridge, Mass.: MIT Press) ter sugerido pela primeira vez a extensão do formato X-barra para as categorias não lexicais de *Inflection* e *Complementizer*, pode ser recuperado na tese de doutorado de Abney (1987) (*The English noun phrase in its sentential aspect*, MIT) para o DP, e no artigo de Pollock (1989) “Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP” (*Linguistic Inquiry* 20: 365-424) para a sentença.

Desde então, a quantidade de trabalho produzido a partir do estudo da estrutura funcional, em uma variedade de línguas, cresceu a tal ponto que um mapeamento sistemático dos vários núcleos funcionais encontrados em sentenças e em sintagmas das línguas do mundo tornou-se apropriado, senão imperativo. A ideia é que estamos em um ponto em que é finalmente possível definir a questão de forma sistemática e empírica, fazendo com que os vários tipos de evidências considerados na literatura interajam e converjam em hierarquias funcionais distintas para cada sintagma.

O que torna o empreendimento ainda mais interessante, nos últimos anos, é o crescente número de evidências de que as distintas hierarquias de projeções funcionais

¹ Professor de linguística na Universidade Ca' Foscari de Veneza.

podem ser universais no inventário dos núcleos que envolvem, em seu número e em sua ordem relativa (apesar de certas aparências). Esta é, em qualquer caso, a posição mais forte a ser tomada, pois é compatível com apenas um estado de coisas. É a mais passível de refutação e, portanto, mais provável de estar correta, se não refutada.

2. De acordo com o Programa Cartográfico, existem categorias linguísticas que seriam uma herança biológica: você poderia explicar como essa relação ocorre na faculdade da linguagem?

Quanto da linguagem deve ser atribuído, se houver, a uma dotação genética específica da linguagem de nossa espécie, a tradicional “Faculdade da Linguagem” (ou “Gramática Universal”), e quanto a fatores externos não específicos da linguagem (cognição geral, ambiente cultural, leis biológicas e físicas, etc.)? Essa questão tradicional foi ressuscitada, com a força de novos argumentos, há cerca de sessenta anos por Noam Chomsky, e continua sendo uma questão empírica controversa. Além do argumento da pobreza do estímulo (ou seja, o fato de que chegamos a saber muito mais do que os dados linguísticos podem nos ensinar), há dois outros argumentos potenciais que apoiam a ideia de que a dotação genética que a criança traz para a aquisição da linguagem é mais rica do que geralmente se pensa: a primeira evidência gira em torno da observação de que, de todos os conceitos e distinções que povoam nosso sistema de pensamento, apenas um fragmento recebe uma codificação gramatical nas línguas do mundo, provavelmente o mesmo em todas as línguas. Na ausência de uma predisposição genética para certas funções gramaticais específicas, poderíamos esperar encontrar muito mais distinções codificadas gramaticalmente nas línguas do mundo, e ainda assim essas não são encontradas.

A segunda tem a ver com os limites bastante estritos que existem na variação da ordem das palavras em diferentes línguas (algumas ordens potenciais nunca são encontradas), novamente apontando para limitações específicas impostas por uma “Faculdade da Linguagem” herdada biologicamente.

3. A cartografia mantém uma relação estreita com a Sintaxe Gerativa. Dado o desenvolvimento do empreendimento de Chomsky, como é essa relação atualmente?

O programa cartográfico foi desenvolvido aproximadamente ao mesmo tempo que o Programa Minimalista de Chomsky. À primeira vista, parece haver uma tensão entre as representações detalhadas nos trabalhos cartográficos e as representações discretas das estruturas oracionais na literatura minimalista, que compreendem apenas C (Complementizador), T (Tempo) e v^0 , acima de VP. Mas a contradição entre essas duas linhas de pesquisa é, na verdade, apenas aparente. Rótulos como C, T e v são às vezes explicitamente considerados abreviações de estruturas cartográficas mais ricas na literatura minimalista (por exemplo, Chomsky 2001 “Derivation by Phase”. In M. Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. 1-52. Cambridge, Mass.: MIT Press, fn.8). Sobre este tópico, veja também Cinque e Rizzi (2010: §5).

O minimalismo foca nos dispositivos geradores, os mecanismos elementares envolvidos nas computações sintáticas; enquanto a cartografia foca nos detalhes finos das estruturas geradas por esses mecanismos. São dois tópicos de pesquisa que podem ser perseguidos em paralelo de maneira totalmente consistente e que podem interagir de forma frutífera.

4. Estudos Tipológicos. *Word Order and Relative Clauses* (2013) é um trabalho seu que dialoga com trabalhos de cunho tipológico e funcionalista. Como você vê a relação do Programa Cartográfico com essas duas áreas da Linguística? Em um sentido amplo, o que a cartografia ganha ao dialogar com essas áreas?

Eu acho que a abordagem cartográfica tem muito a ganhar com as tradições tipológica e funcionalista, apesar das diferentes suposições que as caracterizam em oposição à sintaxe comparativa formal. Estudos aprofundados de uma única língua, ou de poucas línguas, por mais profundos que sejam, não conseguem revelar toda a riqueza da estrutura funcional/gramatical da Gramática Universal (GU), devido ao caráter muitas vezes silencioso de uma determinada categoria funcional em uma certa

língua. A comparação de várias línguas diferentes pode fornecer evidências para determinar a ordem relativa precisa das diferentes projeções funcionais, combinando as ordens parciais manifestadas de maneira explícita por diferentes línguas em uma ordem/hierarquia única e consistente, imposta pela GU. Isso pressupõe que a ordem das projeções funcionais é fixa dentro de uma língua e, mais crucialmente, entre línguas; o que dificilmente é uma suposição óbvia. Evidências comparativas também são cruciais para revelar como certas propriedades de ordenação são estritamente impossíveis entre línguas. Mesmo nos casos em que a GU permite variação, nunca é o caso de que “qualquer coisa vale”. Existem limites precisos para a variação translinguística observada, um fato que exige uma explicação fundamentada.

5. Costumamos encerrar a entrevista pedindo ao entrevistado algumas recomendações de leitura. Para aqueles que querem entender a cartografia sintática, quais obras você sugeriria como marcos importantes da teoria?

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. p. 51–65.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281–337.

RIZZI, Luigi; CINQUE, Guglielmo. Functional Categories and Syntactic Theory. *Annual Review of Linguistics*, v. 2, p. 139–163, 2016.

SHLONSKY, Ur. The cartographic enterprise in syntax. *Language and Linguistic Compass*, v. 4, p. 417–429, 2010.

TESCARI NETO, Aquiles. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Veneza, 2012. Disponível em:
https://www.academia.edu/14119755/On_Verb_Movement_in_Brazilian_Portuguese_and_A_Cartographic_Study.

E os 11 volumes da série *The Cartography of Syntactic Structures*, publicados pela Oxford University Press.

Corpo editorial

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

ISSN 1678-8931

<https://www.revel.inf.br>